

"Casa-pátio: uma tipologia muito versátil"

por António Baptista Coelho

Procurando linhas de resposta estruturantes à questão de a casa-pátio poder ser uma maneira de repensar as habitações contemporâneas, não é possível deixar de relembrar, em seguida, uma ideia mais teórica, uma outra mais prática e finalmente uma outra teórico-prática – e, depois, serão feitos, ainda, alguns outros comentários sobre a aplicabilidade da tipologia na habitação de interesse social, que é uma forma de se defender a possibilidade de uma sua aplicação razoavelmente ampla.

Em primeiro lugar e em termos mais teóricos, embora com base numa ampla investigação tipológica prática, por sinal incidindo muito especificamente em habitações de interesse social, importa relembrar que tal como defendem Monique Eleb e Anne Marie Chatelet o "habitat intermediário", que é aquele "de fusão" das características de densificação física das soluções multifamiliares com as de autonomia de acesso e de existência de espaços exteriores privativos proporcionadas pelo unifamiliar, caracteriza-se, frequentemente, por "terraços sobrepostos, entradas e caixas de escada desmultiplicadas", numa oferta plástica e funcional que proporciona a tal "escala intermediária, a meio caminho entre o individual e o colectivo." (1)

E podemos considerar que será, muito provavelmente, a distribuição neste habitat intermediário de pequenos pátios, mais ou menos interiorizados, e de pátios/terraços também mais ou menos encerrados, uns e outros desenvolvidos em diversos níveis, que poderá assegurar, neste tipo de habitar, uma adequada aliança entre condições de privacidade e de apropriação individualizada, de cada habitação, e de "compactação" e continuidade/densidade urbana do agregado habitacional assim desenvolvido.

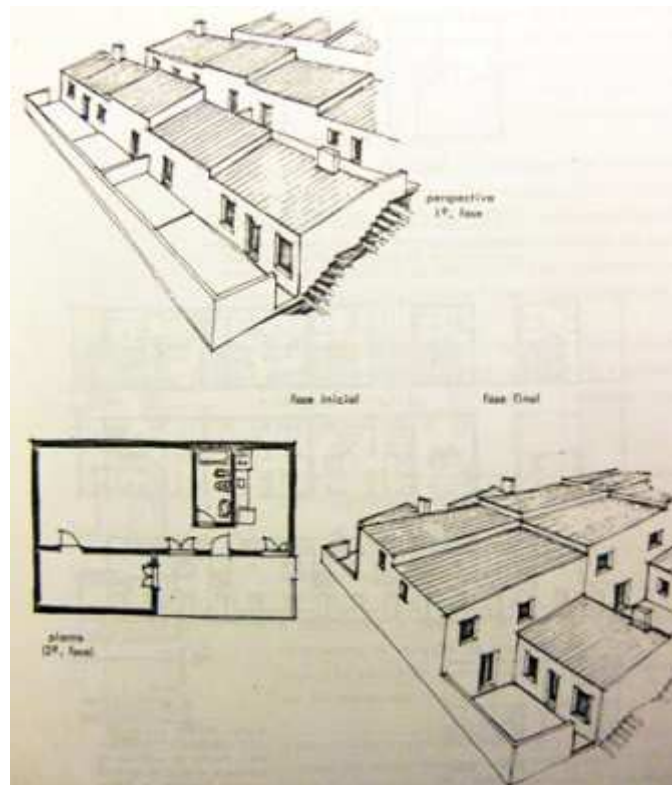


Fig. 01: perspectivas e planta dos edifícios unifamiliares evolutivos de habitação de interesse social do Bairro do Alto do Moinho, Plano Integrado do Zambujal, projectado no âmbito do Serviço Ambulatório de Apoio Local (SAAL) por Francisco Silva Dias (1975/78).

Em segundo lugar há que lembrar que a prova teórico-prática da capacidade urbana agregadora da tipologia “casa-pátio” foi proporcionada, já há algumas dezenas de anos, no fundamental livro de Serge Chermayeff e Christopher Alexander (2), intitulado “Community and privacy, toward a new architecture of humanism”. E refere-se ser este um livro fundamental pois ele trata, afinal, de um tema de primeira linha na nossa nova e surpreendente sociedade mega-urbana: como harmonizar comunidade/convivialidade e privacidade/apropriação no habitar, articulando, assim, aspectos de densificação e continuidade urbana com os, igualmente importantes, aspectos de privacidade e apropriação do espaço doméstico de cada um.

E esta mesma obra é essencial no perspectivar da importância dos espaços e dispositivos mais urbanos, mais de vizinhança e mais privados, responsáveis pelas relações de transição, de limiar e de relação entre os referidos níveis mais urbanos ou mais domésticos; e ao longo de todo o referido livro o “pátio”, vai surgindo, seja na sua forma mais urbana da praça de vizinhanças, seja na sua

forma doméstica que proporciona a agregação de múltiplas habitações, em agrupamentos fortemente densificados, mas resguardando-se a referida privacidade de fruição de cada habitação e enriquecendo-a, mesmo, com a dimensão de um exterior privativo significativo.

E lembra-se, aqui Richard Sennet (3), que aborda o desequilíbrio que hoje caracteriza as relações entre usos públicos e privados, e partindo de uma análise com bases históricas destaca, entre outros aspectos, a actual incivilidade que marca muitas das nossas relações desejavelmente comunitárias e públicas/civilizadas, enquanto, por outro lado, há um avolumar de tudo o que a intimidade acaba por impor.

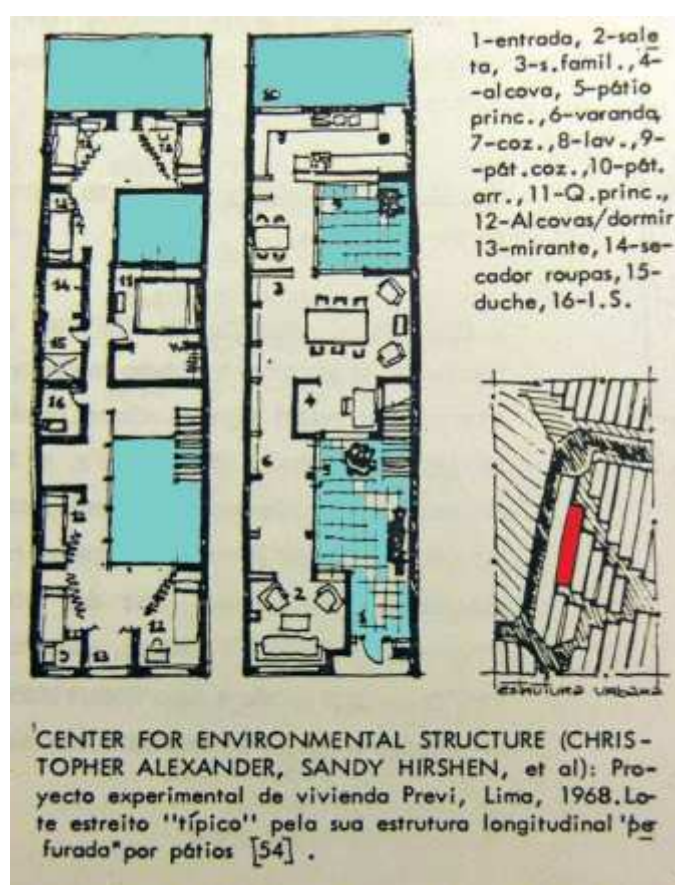


Fig. 02: na proposta de Christopher Alexander para Lima, aqui esquematizada, aprofunda-se, exactamente, a densificação urbana com uma solução doméstica extremamente privatizada, com recursos a múltiplos pequenos pátios.

Em terceiro lugar e no que se refere ao interior da habitação salienta-se o interesse que pode ter o desenvolvimento de uma solução que estruture o espaço doméstico em torno de um ou vários espaços exteriores privados e importa pensar um pouco nesta virtualidade, pois em termos de opções globais

de concepção é como se o espaço interior doméstico capturasse um pouco do exterior, tornando-o privado e "domesticando-o", o que proporciona uma relação sequencial: nível doméstico exterior privado; nível doméstico interior privado; nível público exterior, mas ainda, desejavelmente de vizinhança; eventual nível comum edificado e interior; e finalmente o nível exterior público.

Esta é uma possibilidade muito completa e "perfeita", quase nunca atingida, que aqui se refere para se poderem entender as virtualidades directas – de uso doméstico efectivo e económico (um pátio exterior não tem cobertura e pode ser ajardinado pelos próprios habitantes) – e indirectas – de estruturação de uma estimulante sequência de níveis habitáveis reais e também estimuladamente simbólicos – proporcionadas por casas-pátio que nem precisam de ser especialmente espaçosas.



Fig. 03: na Malagueira Siza Vieira usou a casa-pátio no sentido da máxima harmonização entre a vida privada doméstica, para lá dos muros "tradicionais" e a continuidade convivial da rua; e trata-se de habitação de interesse social. Neste conjunto as densas aglomerações de casas-pátio geram ricas continuidades urbanas com uma forte escala humana e evocadora da cidade histórica. Na Malagueira aplicam-se soluções domésticas unifamiliares evolutivas centradas em pátios privativos e formando ruas estreitas e densas, mas com baixa altura do edificado. Salienta-se que esta grande intervenção se desenvolveu ao longo de alguns anos sendo acabada já após 1984, com apoio do INH.

Além de tudo isto, há que referir que a casa-pátio e especificamente a que é desenvolvida num único piso é uma tipologia extremamente versátil em termos do seu uso, sendo muito adequada, quer para famílias com crianças, quer para idosos. E naturalmente há que referir aqui as pequenas casas-pátio de Jörn Utzon na Dinamarca e na Suécia, sendo que o conjunto em Fredensborg (1959-62), constitui um exemplo perfeito dos vários níveis acima referidos: pátio bem habitável e com a configuração/dimensão de um grande compartimento (exterior), atraentemente murado, mas permitindo algumas vistas pontuais do interior sobre a vizinhança; rodeado por uma casa térrea em "L", com a sala e um quarto/estúdio de um dos lados, e a cozinha, o quarto e a casa de banho do outro; um espaço de vizinhança afirmado e diversificado, seja no acesso rodoviário, seja no miolo de vizinhança ajardinado; depois um nível de espaços comuns com alguns quartos que podem ser ocupados com marcação, e finalmente a relação com o espaço público/citadino. (4)

Este foi um conjunto de habitação de interesse social (63 habitações mais espaço comum) projectado por Utzon depois de ter estudado em pormenor conjuntos realizados com o mesmo tipo de condicionantes em termos de controlo de áreas (habitação com três quartos e sala, 104 m²) e de custos.

Cada uma das habitações de Fredensborg tem uma característica especial que resulta da sua posição e tipo específico de agregação, embora a sua forma geral seja bastante uniforme e construtivamente simples, sendo que as paredes que encerram o pátio proporciona o seu uso de acordo com os desejos de cada habitante/família sem que haja interferências negativas com os vizinhos, ganhando-se, assim, capacidade de adequação e espaço habitável a muito baixo custo. (4)

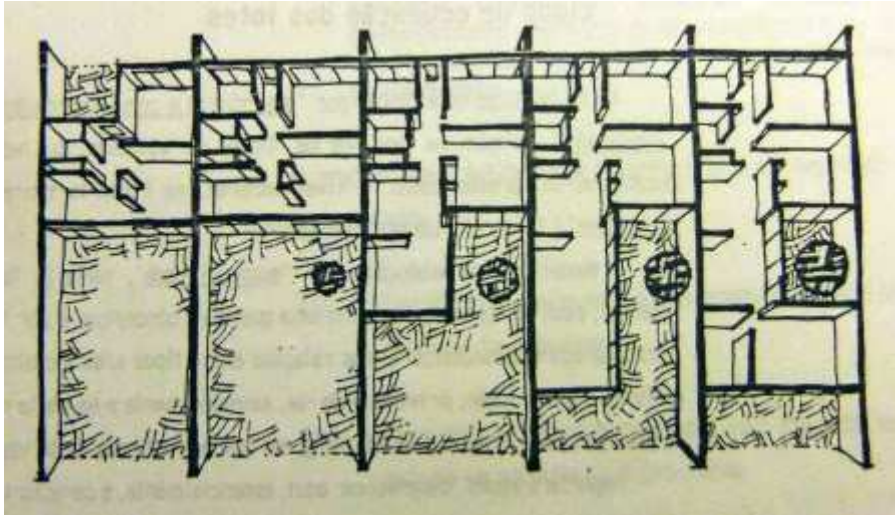


Fig. 04: esqema de conjunto em Milton Keynes (UK), onde fica evidenciada a capacidade de estruturação doméstica proporcionada pelo pátio.

Neste artigo procuraram-se alguns caminhos para a questão de a casa-pátio poder ser uma maneira de repensar as habitações contemporâneas, oferecendo-lhes um excelente potencial de adaptabilidade. E, a propósito salienta-se que os desenhos que ilustram o texto foram retirados do livro editado pelo LNEC e disponível na sua livraria, intitulado "Habitação evolutiva e adaptável". (5)

Para outros artigos sobre esta temática ficarão pequenas viagens comentadas sobre variadas soluções de casas-pátio realizadas nos últimos anos em Portugal, no âmbito da promoção de habitação de interesse social; o que serão também a prova clara da actualidade da tipologia casa-pátio.

Notas:

(1) Monique Eleb, Anne Marie Chatelet, "Urbanité, sociabilité et intimité des logements d'aujourd'hui", 1997, p.18.

(2) Serge Chermayeff e Christopher Alexander, "Intimité et Vie Communautaire – vers un nouvel humanisme architectural", 1972 (1963), p. 191-197.

(3) Richard Sennet, "El declive del hombre público" (The Fall Of Public Man), 1992.

(4) Tobias Faber; Jens Frederiksen, "Jørn Utzon: Houses in Fredensborg", Ernst & Sohn, 1991.

(5) António Baptista Coelho e António Reis Cabrita, "Habitação evolutiva e adaptável", Lisboa, LNEC, ITA 9, 2003.

Infohabitar, Ano VI, n.º 287

Infohabitar a Revista do Grupo Habitar

Editor: António Baptista Coelho

Edição de José Baptista Coelho

Lisboa, Encarnação - Olivais Norte, 28 de Fevereiro de 2010

Etiquetas: [adaptabilidade](#), [antónio baptista coelho](#), [casa-páteo](#), [casa-pátio](#), [Décio Gonçalves](#), [habitação evolutiva](#), [história da casa pátio](#)